

Colunista

Zilda Maria Beltrão Fraletti

Graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 27 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Foi presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas. - zildafracchetti@revistalush.com.br -



ANTONY GORMLEY

"Não gosto da ideia de arte como algo decorativo ou para consumo. Quero que a arte mude a sua forma de ver o mundo. Quero que você pense: E agora? O que eu posso fazer diante desse mundo tão injusto? A arte tem esse poder, é um meio de lembrar o que significa estar vivo. O problema é que a arte se tornou institucionalizada. Hoje se vai à arte como se vai ao médico ou à praia. Essa institucionalização é também o enfraquecimento da arte, dos seus propósitos e de suas possibilidades. Quero que as pessoas se perguntem: "O que isso está fazendo aqui? E o que eu estou fazendo aqui?"

Desta maneira o artista inglês Antony Gormley exprime como gostaria que suas obras impactassem as pessoas. Em aproximadamente 40 anos de carreira ele realizou esculturas que exploram a relação do corpo humano com o tempo e o espaço. Usando sua própria existência como campo de teste, transforma a experiência subjetiva em uma experiência coletiva. Ele trata o corpo não como um objeto, mas como um lugar; e usa o espaço de um corpo em particular para identificar uma condição comum a todos os seres humanos. >

Antony Gormley nasceu em Londres em 1950, sétimo filho de uma rica família católica. Sua mãe era alemã e seu pai irlandês. Estudou arqueologia, antropologia e história da arte, viajou para a Índia e o Sri Lanka e aprofundou-se no estudo do Budismo e da meditação. Diz que, quando fechamos os olhos, nos sentimos em um espaço subjetivo, que é o espaço coletivo da escuridão do corpo. É sem dimensão. Sem limite. É infinito. E que o espaço da consciência tem uma forma corpórea e esta forma tem uma segunda pele: a arquitetura.



As mentes ocupam corpos e os corpos habitam edifícios. "Se mentes vivem em corpos, se corpos vivem em roupas e em cômodos, e em prédios, e em cidades, será que estas também têm uma pele final, e essa pele é perceptível? Será o horizonte?" questiona.

Quase toda a sua obra leva o corpo humano como tema. Muitos dos seus trabalhos são baseados em moldes tirados de seu próprio corpo, segundo ele "a experiência mais próxima da matéria que eu poderei ter e a única parte do mundo material dentro da qual eu vivo". ➤



Figura composta em cubos e retângulos de ferro.

Em 2007, Gormley criou a instalação Horizonte de Eventos (Event Horizon) que consiste em 31 figuras em tamanho natural feitas em ferro fundido e em fibra de vidro através de molde de seu corpo. Sua intenção é de que o projeto encoraje as pessoas a olhar ao redor e que, neste processo de olhar, procurar e achar, as pessoas saiam de sua zona de conforto e se tornem conscientes e questionem a vida urbana, a alienação, a ambição, o anonimato. Ele as instalou no topo de edifícios ao longo do South Bank de Londres. Em 2012 repetiu a instalação em lugares ao redor de Madison Square Garden, em Nova Iorque, no Brasil e em San Gimignano, cidade medieval da Toscana (Itália). Ter essas representações do corpo humano espalhados pela cidade é também uma forma de questionar a cidade, que é o habitat humano, e a maneira como nos relacionamos com ela. Mesmo habitando coletivamente a maioria de nós vive protegida e escondida. ▶



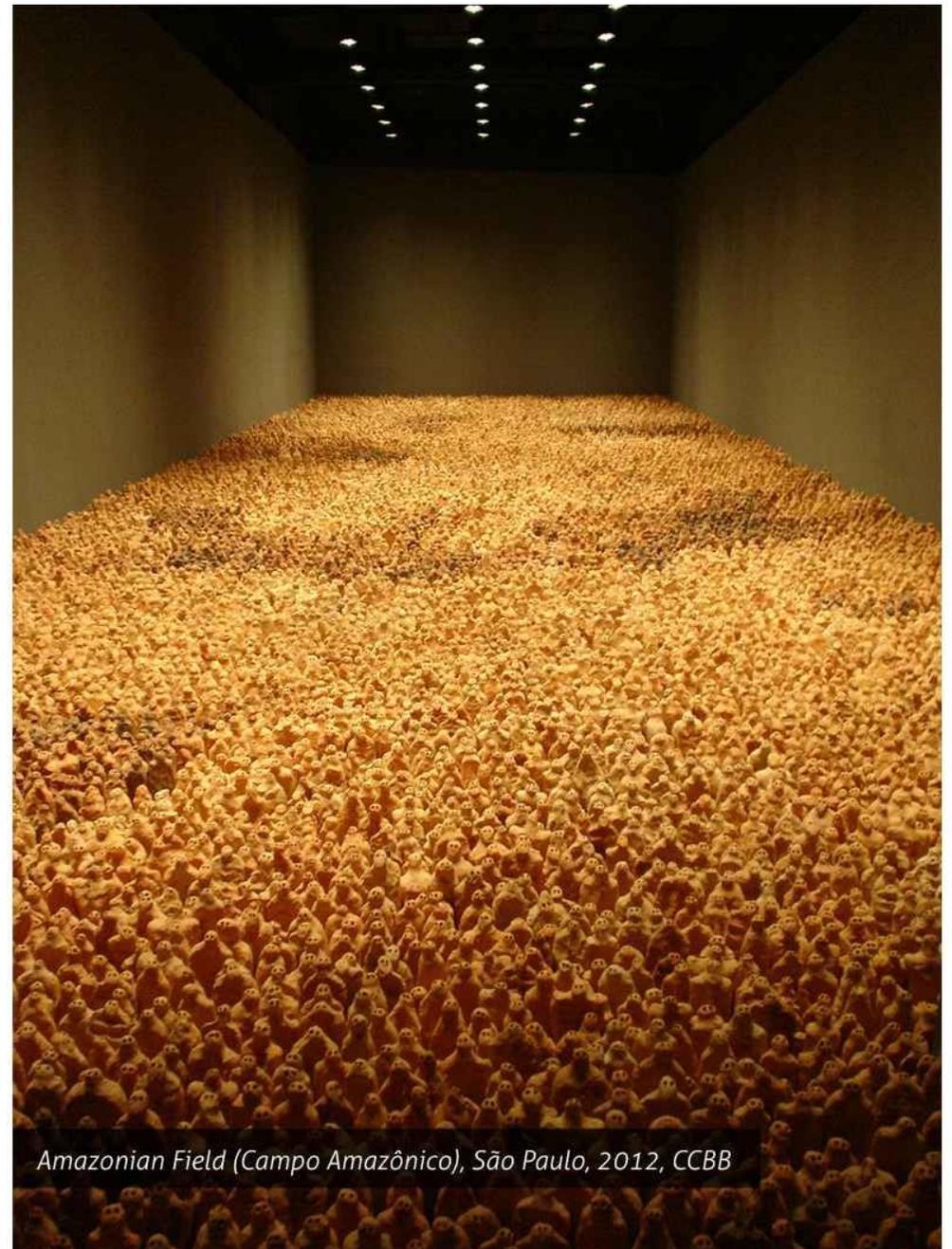
Event Horizon, São Paulo, 2012



Event Horizon, Nova Iorque, 2012

Gormley já expôs em grandes galerias das principais capitais do mundo e criou intervenções para várias cidades. Em 1994 recebeu o Turner Prize (maior premiação dada a artistas contemporâneos, na Inglaterra) e teve suas obras expostas na Bienal de Veneza e na Documenta de Kassel. Entre suas mais importantes intervenções públicas incluem-se Angel of the North (Gateshead, Inglaterra), Another Place (Crosby Beach, Inglaterra) e Exposure (Lelystad, Holanda).

O artista tem um relacionamento com o Brasil desde 1992, quando veio ao Rio de Janeiro durante a Conferência da Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, para a qual produziu a instalação "Campo Amazônico", com 24 mil figuras de barro, com tamanhos variando entre 4 e 40 cm. de altura. ▶



Amazonian Field (Campo Amazônico), São Paulo, 2012, CCBB

A exposição, que atraiu 562 mil visitantes nas três cidades, foi a primeira organizada pela galeria londrina White Cube, uma das mais importantes do mundo, que abriu em dezembro de 2012 sua segunda filial fora do Reino Unido- a primeira foi em Hong Kong.

Pode-se conhecer mais sobre o artista e sua obra na palestra que fez em TED Talks <http://www.ted.com/talks>. ▲

“Para mim, a arte não tem a ver com objetos caros. Tem a ver com reafirmar nossa experiência direta no tempo presente. Como disse John Cage: “Não estamos nos movendo em direção a um tipo de objetivo. Nós somos o objetivo, e ele está mudando conosco. Se a arte tem algum propósito, é abrir nossos olhos para esse fato”. - Antony Gormley

A obra Another Place (Outro Lugar) consiste em 100 figuras na praia de Crosby Beach, perto de Liverpool (Inglaterra), espalhadas ao longo de 3 quilômetros na praia e entrando 1 quilômetro no mar. Elas estão em pé, olhando para o horizonte, numa expectativa silenciosa. Para Gormley a obra explora a relação do homem com a natureza e com o tempo, por estar no mar, sujeita às mudanças das marés. Elas somem e reaparecem. Os corpos nus estão expostos à luz, ao tempo. Não são heróis, apenas corpos de um homem de meia-idade reproduzido industrialmente, tentando permanecer em pé e olhando para um horizonte movimentado com navios transportando mercadorias ao redor planeta.

